

RESENHA DA OBRA: RACIONAL OU IRRACIONAL? 10 IDEIAS VALIOSAS DO PENSAMENTO ANTIGO PARA SUCESSO NOS INVESTIMENTOS. ABRITA, MATEUS BOLDRINE. BELO HORIZONTE: EDITORA DIALÉTICA, 2020.

Angelo Rondina Neto¹

Em sua obra, *Racional ou Irracional? 10 ideias valiosas do pensamento antigo para sucesso nos investimentos*, o Professor Mateus Boldrine Abrita traz uma apresentação multidisciplinar, com foco sobretudo no público investidor. Apesar do currículo do autor, Professor pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), com larga experiência acadêmica, a obra se apresenta de maneira didática e direta ao público leigo em economia. A tese central do livro gravita em torno de uma visão crítica à racionalidade estrita, e da maneira pela qual o uso de uma concepção filosófica estoica pode auxiliar numa atuação mais realista por parte dos investidores. Apesar de críticas passíveis, a obra é atualíssima, em muito contribuindo ao debate sobre investimentos no Brasil atual.

O livro de Abrita estrutura-se em duas grandes partes. A primeira se volta à crítica a concepção da racionalidade estrita, presente sobretudo na ortodoxia clássica. A segunda, dirige-se a uma sistematização de dez princípios, ancorados na tradição estoica milenar, que podem servir como regras de bolso para os investidores. Cabe a nota, também, que muito acrescentam à obra o prefácio do Professor Christian Dunker (uma verdadeira aula sobre psicologia econômica) e o posfácio do Professor Paulo Gala.

Em sua primeira parte, a obra inicia com a apresentação do conceito da racionalidade que ancora a concepção do *homo economicus*. Apesar de o conceito ser remetido a uma concepção “clássica” na obra, o que se justificaria tendo-se em mente o sentido apresentado, por exemplo, por Keynes (1936), a racionalidade perfeitamente matematizada seria característica mais notável dos neoclássicos – como Bentham, Marshall e Pigou. De toda forma, a crítica apresentada no livro, sobre a irrealidade dos pressupostos neoclássicos, mantém-se.

Anos após a apresentação dos pressupostos (neo)clássicos², é difícil encontrar aqueles que advoguem pelo seu realismo sem considerar nenhuma adaptação nesses. Mesmo trazendo o conceito da racionalidade para a apresentação das expectativas após Lucas (1972, 1976) – debate, cabe dizer, não presente na obra –, no “Novo Consenso” ou na escola Novo Keynesiana, as expectativas racionais são muito mais aceitas (quando o são) ao serem consideradas em sua forma “fraca”. Assim, é totalmente correta a crítica do autor ao irrealismo em se considerar que os agentes são perfeitamente racionais.

Mais do que se respaldar em aspectos da evolução do pensamento econômico, o autor consegue sustentar o argumento contrário à racionalidade perfeita pela apresentação de argumentações da psicologia econômica. Ramo relativamente desconhecido no Brasil, o autor resgata o debate apresentado por um conjunto de autores, desde psicanalistas como Freud (1980), aos laureados com o Nobel em Economia Daniel Kahneman, Amos Tversky e Robert Shiller. Para esse conjunto de pensadores, é nítida a influência que questões psicológicas trazem aos indivíduos, o que urge a necessidade de uma reconsideração dos pressupostos clássicos para englobar ideias mais realistas. As “falhas” no comportamento racional dos agentes seriam dadas, por exemplo, por vieses cognitivos e crenças religiosas ou culturais próprias.

Desse comportamento não perfeitamente racional por parte dos agentes surgem interessantes áreas de análise, como a economia experimental, a antropologia econômica, e a psicologia do consumidor – áreas notadamente multidisciplinares. Voltando-se à área financeira, o autor destaca o ramo das finanças comportamentais dentre essas. Os investidores, no contexto das influências das “falhas” em sua racionalização seriam afetados por elementos que motivam linhas de pesquisas novas para os economistas, como: Heurísticas ou “regras de bolso” por parte dos investidores; Reações exageradas; Teoria da Utilidade Esperada; Ilusões referentes ao dinheiro; Dissonância cognitiva, risco e incertezas; Teoria do prospecto; Contas Mentais; Comportamento de manada; e Confiança exagerada.

¹ Professor Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS)

² Sistematizados em cinco pontos na obra: Agentes racionais e maximizadores; Mercados em concorrência perfeita e com preços flexíveis; Informações perfeitas nos mercados; A presença de um *leiloeiro* Walrasiano que garante o equilíbrio dos mercados; Expectativas dos agentes estáveis no tempo.

Nesse contexto em que os investidores não necessariamente são otimizadores racionais, o risco e a incerteza podem ser paralisadores às ações dos agentes. Com esse contexto em mente, Abrita (2020), no ponto alto de sua obra, transcende o debate meramente acadêmico para realizar uma apresentação prática àqueles que investem. Tendo-se a consciência das limitações da racionalidade nas tomadas de decisões, o autor apresenta que a filosofia estoica, tão rica e desconhecida apesar de sua antiguidade, pode auxiliar nesse processo decisório.

O autor resgata dois pontos chave do pensamento de Sêneca, importante estoico romano, para que os seres humanos tenham uma vida mais tranquila em face ao caos do imprevisível: livrar-se dos medos da morte e da miséria, alheios ao controle de qualquer indivíduo. Existem elementos que fogem ao controle dos seres humanos, e muito tempo é desperdiçado se tentando racionalizar ou atribuir “razões” para o porquê da ocorrência desses elementos. A visão estoica não argumenta, todavia, para que se tenha um comportamento ingênuo e desconsiderando que fatos alheios possam ocorrer. Mais do que isso, existem elementos que fogem à previsibilidade e o melhor a se fazer é precisamente considerar essa limitação humana e adaptar as ações levando-se em conta tal fato.

Tendo-se em mente essa filosofia de vida, o comportamento dos investidores pode em muito ser beneficiado por uma postura estoica. Pode-se tomar como exemplo o momento atual, do cenário econômico pós-Covid19, por exemplo. São muitas as incertezas, noticiadas à exaustão na mídia: sobre a eficácia da vacina para a doença, sobre a vulnerabilidade dos postos de trabalho, sobre a recuperação econômica no contexto de conflito geopolítico etc. Existem elementos que fogem ao controle dos indivíduos nesse conjunto de incertezas recorrentes. Mais do que capitular ao desespero, o mais adequado seria estabelecer uma estratégia de longo prazo e se ater a esse planejamento. Nesse aspecto, a visão estoica e os dez pressupostos apresentados pelo autor caem como uma luva para auxiliar o leitor.

Por fim, salienta-se a relevância da obra para públicos diversos, não somente economistas. O trabalho é um importante contato inicial para o debate acerca da racionalidade, com uma apresentação muito mais prática do que teórica. A leitura é recomendada não somente pela sua estruturação didática; ela é atualíssima no cenário da conjuntura atual. Além disso, é uma leitura rápida e prazerosa (em grande parte por não enfatizar exageradamente aspectos técnicos). A filosofia estoica, deveras, pode muito auxiliar aos investimentos e ao planejamento dos leitores. A obra do Professor Abrita, nesse sentido, é um excelente ponto de partida.

Data da submissão: 04-08-2020

Data do aceite: 19-08-2020